

LINGUAGENS DE (RE)EXISTÊNCIA DE CORPOS PERIGOSOS E SUBVERSIVOS: PRETOS, INDÍGENAS E DISSIDENTES NA CENA DAS ARTES

Entre a oração e a ereção
ora são, ora não são
Unção, bênção, Sem nação
mesmo que não nasçam
Mas vivem e vivem e vem
Entre a oração e a ereção
ora são, ora não são
Unção bênção Sem nação
mesmo que não nasçam
Mas vivem e vivem e vem
[...] Não queimem as bruxas
Não queimem
Não queimem as bruxas
mas que amem as bixas
mas que amem Clamem
que amem, que amem [...]
Oração - Lin da Quebrada (2019)

No gozo performativo das linguagens (re) existência, dissidentes de gênero, sexualidade, monstrosidades e suas relações com o outro, constituem com seus corpos e modos de vida transgressores elementos para a construção de poéticas em Artes e seus atravessamentos filosóficos, sociais. Discussões sobre a linguagem e suas dissidências de gêneros e sexualidades, cruzadas com reflexões étnicas, raciais e afrodiáspóricas se fazem urgente e emergente enquanto espaço de saber.

Identifica-se neste dossiê a entidade Exu como princípio dinâmico de transformação/transgressão e episteme atuante frente às normatizações do ocidente, que problematiza as implicações éticas nos processos criativos, os quais se evidenciaram interseccionalizados e espelhados às ancestralidades, potencializando um processo poético e político no sentido de superação dos conservadorismos estruturados na doutrinação das linguagens conforme o contrato colonial.

Abrindo os caminhos, encontrando as encruzilhadas e girando nas batidas ancestrais é que iniciamos um diálogo neste dossiê repleto de representatividade, potência, articulações corporais e *ebós* epistêmicos. (Desen) titulado entre “**LINGUAGENS DE (RE)EXISTÊNCIA DE CORPOS PERIGOSOS E SUBVERSIVOS: PRETOS, INDÍGENAS E DISSIDENTES NA CENA DAS ARTES**”, provoca-nos a desenhar estruturas outras e nomear novos rumos da pesquisa na área da Linguagem, que transversaliza nas encruzilhadas de outros aromas de conhecimento.

O aroma da sensibilidade, da feitura e principalmente do poder do conhecimento, pois são das folhas que damos sabor ao alimento, que nos provoca aromas e sensações diversas em um *bori* de possibilidade de escrituras.

Estamos a viver uma crise excepcional e uma de suas marcas mais cruéis é a homogeneização cultural, estratégia de restauração neoconservadora com viés moralizante que tem assolado o Brasil. Um de seus traços mais nocivos é o discurso de ódio contra pessoas e/ou grupos marcados pela diferença. Dedicado à linguagem corporal, bem como a sua junção com outras linguagens, serão apreciados artigos provenientes da literatura, da linguística, das artes, da filosofia, da psicologia, da educação, entre outras, que tragam à luz discussões sobre o corpo como linguagem e suas possibilidades de diálogos com variadas formas de expressão.

O Dossiê estará dividido em dois cruzos de pesquisa. O primeiro será relacionado as pesquisas que provoquem montagem artísticas, pesquisa com base na resistência artísticas e do corpo, artistas pesquisadores, práticas de ensaios e análises filosóficas cujo objetivo será a ampliação da discussão sobre corpos perigosos, as tentativas de silenciamentos e cercamentos artísticos e os modos de resistência do discurso e da investigação em arte.

O segundo cruzo do dossiê será voltado para o espaço escolar, educacional, forma – informal – popular, cujas escritas e pesquisas dialoguem com os corpos na escola permeando as estruturas subversivas e perigosas entrecruzando com o ensino a partir de pedagogias que tenham o corpo como ponte de estratégia de ação, podendo ser Freiriana, Montessori, entre outras possibilidades decoloniais, pesquisa de educação que abrace os corpos nos terreiros de matriz africana, com base nas oralidades e nas ações de existência étnica indígena e preta.

Os discursos de ódio incitam a violência e, ao serem disseminados por toda a sociedade, reverberam também no cotidiano dos diferentes espaços educativos produzindo inferiorização e exclusão. Como estes corpos importam, queremos visibilizar a rebeldia da re-existência nos diversos espaços educativos, considerando diferentes dimensões – epistêmica, política e subjetiva – e opressões múltiplas para uma compreensão interseccional. No fim, a tentativa de demarcar e restringir os corpos não logra êxito pois estes escapam para além da pele e do contorno que os encapsula. Neste processo, resistem, se insurgem e inventam saídas subjetivas para enfrentar este momento de exceção, ao mesmo tempo em que constituem outra arte de ser e de viver.

Este dossiê é composto de três seções, estando no eixo 1 os artigos enviados para a seção temática, no eixo 2 um ensaio visual cuja estética é atravessada pela linguagem do terreiro de matriz africana, e por fim, no eixo 3 uma entrevista produzida pelo encarnado, organizador deste dossiê, provocando as linhas das dramaturgias negras no teatro e suas imbricações linguísticas.

O dossiê vem sendo compostos de nove trabalhos, sendo sete artigos de ampla diversidade linguística que dialogam com a proposta temática, uma entrevista que nos apresenta possibilidade diante das ‘*dramaturgias negras*, por intermédio da pesquisadora doutora Julianna da Rosa de Souza, que foi provocada pelo encarnado, organizador deste dossiê.

Despachando os trabalhos o primeiro artigo intitulado “**PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E DE EXISTÊNCIA DE NEGROS AMAZÔNICOS: UM PARALELO ENTRE OS SUJEITOS DO MARABAIXO E DO ALTO DO BODE**”, de Tartaglia, que tem como foco central visibilizar duas micro-histórias de sujeitos negros amazônicos, para tentar compreender por que, na atualidade, ainda circulam dizeres ofensivos racistas e opressores sobre determinado corpo social negro, praticantes do Ciclo do Marabaixo, movimento de cultura popular brasileira e patrimônio nacional, em Macapá-AP, a partir dos estudos discursivos Foucaultianos.

O segundo artigo escrito por Lopes Junior e Mandaji tem como objetivo central analisar discursivamente os enunciados do discurso LGBTQIA+ no primeiro episódio, intitulado Hora do Lipsync, da primeira temporada da série Super Drags, produzida e distribuída pela plataforma Netflix no ano de 2018. O trabalho vem intitulado como “**“SOMOS AS SUPER DRAGS E VIEMOS DAR... O CLOSE CERTO!”: UMA ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DISCURSIVOS LGBTQIA+ NA ANIMAÇÃO SERIADA SUPER DRAGS**”.

O terceiro artigo de Romano e Santos, intitulado “**DESLIGUEM SUAS CÂMERAS, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR!**”, tem como foco apresentar resultado do projeto de pesquisa O teatro e a peste: uma investigação sobre as criações teatrais durante a pandemia da Covid-19 (PIBIC 2021/2022) e em sinergia com parte das investigações de pós-doutorado, em andamento.

Três artigos têm como foco a negritude, as macumbarias, o afrofuturismo e a periferia. O quinto trabalho de autoria de Jesse da Cruz e Cláudia Madruga Cunha trata-se de um processo de “percepção”, “afectos” e “criação”, ligados à construção de um estilo “borigráfico” na dança que expressa um corpo negro, intitulado “**RECORTE AUTOBORIGRÁFICO DE UM CORPO NEGRO BAILARINO, PESQUISADOR E PROFESSOR**”.

O sexto trabalho analisa o romance O caçador cibernético da rua 13, de Fabio Kabral, a partir dos conceitos do afrofuturismo, como herança e identidade, procurando demonstrar como a ficção científica se mostra importante na construção de um novo imaginário acerca da literatura afro-brasileira, artigo intitulado “**O AFROFUTURISMO NO BRASIL: UMA LEITURA DO ROMANCE O CAÇADOR CIBERNÉTICO DA RUA 13 E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NA FICÇÃO CIENTÍFICA**”, de autoria de Silva.

O sétimo e último artigo intitulado “**RESISTÊNCIAS TÉCNICAS E COGNITIVAS DOS ARTISTAS PERIFÉRICOS DE BLUMENAU: AS MODAS DAS PERIFERIAS E O CORPO SEM ÓRGÃOS**” apresentará uma reflexão sobre as resistências técnicas e cognitivas dos artistas periféricos de Blumenau, a partir do conceito de Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari (2011), durante a execução do Projeto “SUPRIMIDO PARA AVALIAÇÃO ÀS CEGAS”, em 2022, de autoria Scoz e Melchiorretto.

Encerrando o dossiê, o ensaio visual **PEMBA BRANCA, PEMBA PRETA, PEMBA ENCARNADA** é de Gottardi com um conjunto de imagens de obras bidimensionais e tridimensionais com escritas de grafias sagradas usada em rituais de religiões afro-brasileiras. O último trabalho é uma entrevista com Julianna Rosa de Souza com o intuito de promover este despacho em forma de conversa, provocado pelo atravessamento de vida, percurso e ações culturais, artísticas e profissionais da convidada.

Dedico este dossiê temático a toda ancestralidade africana, que nos oportunizou um legado imensurável; aos intelectuais/artivistas da educação e dos movimentos negros, que mantêm viva a luta e o sonho de um espaço formativo comprometido com a transformação das estruturas coloniais, eurocêntricas, racistas e elitistas que limitam a autonomia política, socioeconômica e cultural da sociedade brasileira. Mas, principalmente, a todos/as/es nós, corpos pretos, indígenas e dissidentes que ocupam os lugares que legitimamente não foram criados para ocuparmos.

Coordenador Temático: Prof. Msc Jesse da Cruz